

**FILOSOFIA E LITERATURA: CAMINHOS PARA O PENSAR E O
APRENDER**

Jéferson Luís Azeredo*

Sônia Martins De March*

Resumo: Indo além da visão estritamente literária da poesia, este artigo busca trazer uma contribuição ao ensino de língua no que tange à análise de poemas, especialmente a partir da visão de linguagem poética do filósofo Martin Heidegger. A compreensão de Heidegger sobre linguagem poética se contrapõe à forma usual como ela vem sendo estudada nos livros didáticos de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, especificamente na Coleção Português Linguagens, de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães. Ao analisar a Coleção Português Linguagens em como trabalha os textos poéticos, percebe-se a predominância de um estudo formal dos poemas, utilizados como texto para o ensino da estrutura do poema.

Palavras-chave: Linguagem. Poemas. Livro Didático.

Abstract: Going beyond the strictly literary view of poetry, this article seeks to bring a contribution to language teaching regarding the analysis of poems, especially from the poetic language vision of the philosopher Martin Heidegger. Heidegger's understanding of poetic language contrasts with the usual form as it has been studied in the Portuguese Language textbooks, in the middle school, specifically in the Portuguese Language Collection, by William Roberto Cereja and Tereza Cochar Magalhães. When analyzing the Portuguese Collection Languages in how the poetic texts works, we notice the predominance of a formal study of the poems, used as text for teaching the structure of the poem.

Keywords: Language. Poems. Textbook.

Introdução

Este trabalho procura aprofundar o estudo da linguagem a partir de dois significados: enquanto revela, mas também oculta o significado das coisas. A revelação e a ocultação acontecem ao mesmo tempo na linguagem, devido a nossa compreensão da natureza polissêmica e simbólica dela, o que faz com que se manifeste além das interpretações conceituais. Interessa-nos nesta pesquisa primordialmente, e em recorte teórico e de pesquisa, o estudo da linguagem poética e, especificamente, como a mesma

*Estuda na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: jeferson@unesc.net.

* Licenciada em Letras – UNESC.

é apresentada e trabalhada nos livros didáticos do Ensino Médio (doravante E.M.) da Coleção Português Linguagens, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, para só então contrapor com o estudo do filósofo Martin Heidegger, o que nos possibilita repensar tanto a linguagem poética em sua fundação e significado como em sua relação de contraposição com a educação e mais especificamente com as aulas de Língua Portuguesa. Assim, a forma de condução deste estudo é dada tanto pelo estudo bibliográfico de textos concernentes à temática, bem como por meio da análise de livros didáticos, mais especificamente da Coleção Português Linguagens de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, onde pretende-se rever o uso dos poemas para o aprendizado de Língua Portuguesa nas escolas de EM, como possibilidade de estudo da linguagem ontológica, relativa ao sentido do ser

Fazendo uma retrospectiva histórica dos paradigmas epistemológicos os quais nortearam as ciências de um modo mais geral, reportamo-nos ao paradigma positivista representado pelo filósofo René Descartes, o qual, ao estabelecer uma dicotomia entre o pensar e o existir, via o *Cogito* (ou “penso, logo existo”), que privilegia o pensar, ou seja, a pura razão como centro da visão de mundo e significações, estas que serão questionadas, pois não se trata de uma relação com o mundo apenas com o uso da razão, ponto que buscaremos contrapor quando se apresenta a linguagem poética como perspectiva de repensar a educação e o próprio pensar. Nesse sentido, a análise da realidade partiria exclusivamente de premissas lógicas e racionais, fundando um racionalismo puro e unilateral da vida e do que mais se pode pensar.

É justamente por querermos compreender o Ser re-lembrado por Heidegger, e esquecido na história, que escolhemos o filósofo Martin Heidegger oportunizando uma análise ampla e diferente devido à grandiosidade de sua obra e influência deixada. Tal filósofo estabeleceu um estudo ontológico que possibilita aqui uma relação com a linguagem e o pensamento, ou seja, um estudo do *Dasein* (ser-aí) em sua relação com uma parte que foi dado menor valor, a linguagem poética, e não reduzido categoricamente enquanto um ser essencialmente racional. Heidegger, ao ter postulado a linguagem poética como abertura para o ser-aí, e aqui basicamente relacionaremos com o tema proposto, se relaciona ao estudo das poesias de Hölderlin que o ajudaram a criar conceitos que estabeleceram uma ontologia heideggeriana na qual a abertura do ser-aí

está na linguagem poética, e esta, conduz ao pensamento e, portanto, ao aprendizado de si e da língua/linguagem.

Este escopo teórico será o norteador para o estudo dos textos poéticos que destacamos, e que são trabalhados no E.M., isto especialmente quanto a sua forma metodológica de trabalho sugerida no livro didático da Coleção Português Linguagens, de Cereja e Magalhães, nos três volumes destinados ao Ensino Médio. Os textos selecionados para o ensino de literatura, nesta Coleção, são bem variados e representativos, possibilitando ao estudante uma leitura dos vários gêneros textuais. Os poemas encontrados nos livros da Coleção Português Linguagens: ou exemplificam com seus elementos o tema abordado na unidade do livro, como mais à frente veremos nos exemplos que explicam o gênero poema e sua estrutura formal (verso, estrofe e rima), utilizando um poema a título de exemplificação, ou se apresentam para exploração de conteúdos gramaticais, como, quando um poema é utilizado em seus fragmentos, por exemplo, para identificar a presença de substantivos ou preposições, com o intuito de explicar tecnicamente apenas. Dessa forma, percebemos a presença figurativa dos poemas nesta coleção, mais no sentido de representar-se enquanto poema, para mostrar-se estruturalmente e também como recurso textual para aprendizagem de conteúdos gramaticais.

Para tal compreensão, utilizamos a concepção de linguagem de Heidegger já trabalhada em *Ser e tempo* (2014) e, mais intensamente em *A Caminho da linguagem* (2003). Assim, procuramos compreender a relação entre poesia e pensamento em Heidegger a partir da sua leitura e compreensão do *Pensamento e a poesia* de Hölderlin, pesquisadas por nós especialmente nas obras do pesquisador e professor Marcos Aurélio Werle. Além desses, apoiaram este estudo as leituras do *Exercícios de compreensão e cópia nos manuais de Língua Portuguesa?* de Luiz Antônio Marcuschi (1996) e o livro *Pensar poeticamente o mundo* de Constança Marcondes César (2015).

Como literatura secundária, analisamos importantes artigos publicados na área da filosofia e da linguagem, de Eder Soares Santos e Mizael Martins, Elnora Gondim e Osvaldino Marra.

Heidegger e sua compreensão de poesia e pensamento

Ao adentrarmos no estudo da linguagem poética, deparamo-nos com a percepção do imbricamento desta área de conhecimento com outras áreas. Tanto a linguagem, quanto a poesia já foram estudadas por vários teóricos, assim, aqui, em recorte teórico de pesquisa, atentaremos mais especificamente à um olhar filosófico, procurando ver uma exposição do pensamento do filósofo Martin Heidegger nos aspectos mais direcionados à linguagem e a poesia.

Em *Origem da obra de arte*, ensaio publicado em 1950, fruto de três conferências de 1936, Heidegger, ao tentar esboçar as bases que determinam a origem da obra de arte, questiona o conceito de poesia. Nas palavras do filósofo “(...) a poesia não é nenhum errante oscilar da mera representação e imaginação no irreal”. (HEIDEGGER, 2003, p. 58). Segundo ele, a poesia tem um significado muito mais amplo, a poesia sendo arte.

Para entender um pouco do pensamento de Heidegger em relação a linguagem poética, ocupamo-nos da leitura dele mesmo em *A caminho da linguagem* uma palestra proferida em 1959. Quando falamos em caminho, imaginamos um trecho a ser percorrido. Será que linguagem precisa percorrer um caminho?

Não, o filósofo nos explica que a linguagem não precisa percorrer um caminho, pois ela é o caminho. Caminho para quê? Ela, em si já é reveladora, mas, o que revela? Revela o ser que a profere. A linguagem é onde o ser habita, como se estivesse ao lado dela, numa parceria, porém ele só pode se revelar pela linguagem. Inegável é que falar é uma atividade humana, porém é possível que alguém fale muito, sem, contudo, dizer muito, ou seja, que tenha significado além das ocupação que somos remetidos ou de falações do cotidiano, o que Heidegger chama de “falação” ou “queda”, e pode acontecer do silêncio falar muito mais do que as palavras, pois tanto a palavra quanto o silêncio revelam e, ao mesmo tempo, ocultam os significados.

Sobre a poesia, percebemos a entrelaçada relação entre poesia e pensamento, e em *A caminho da linguagem*, o filósofo, chamado de “filósofo da floresta negra”, pois passava várias horas pelo bosque que ficava ao fundo de sua casa, nos fala que “(...) todo pensamento do sentido é poesia e toda poesia é, porém, pensamento. Ambos se pertencem mutuamente” (HEIDEGGER, 2003, p. 216). Por outro lado, a despeito da íntima relação entre poesia e pensamento, há o perigo, segundo Heidegger, de que um

poema seja sobrecarregado com uma carga excessiva de pensamento. Porém, perigo maior é a ausência de pensamento. Na pertença mútua de poesia e pensamento, segundo o filósofo chega-se à raiz de tudo.

Gondim e Rodrigues (2010), afirmam que “Heidegger propõe a poesia como um caminho para o retorno à exigência original do pensamento: a linguagem e, mais precisamente a poesia são entendidas como lugar privilegiados de manifestação do ser”. (2010, p.393) Ainda, no mesmo artigo, Gondim e Rodrigues informam que em *Ser e Tempo*, Heidegger se perguntava sobre o sentido do ser e a partir de 1930 passou a investigar a verdade do ser.

Heidegger tenta desvencilhar-se da linguagem metafísica que vigorava no pensamento científico desde a antiguidade, utilizando a linguagem poética a partir do seu encontro com os escritos de Hölderlin, e desta forma procurando um caminho diferenciado.

Hölderlin possibilitou a Heidegger ver a elevação da linguagem a um lugar especial de manifestação do ser.

A obra de Hölderlin introduz a existência humana numa dimensão mais ampla, na qual não há mais nenhum tipo de “subjetivismo” como instância decisória na verdade, o homem é convocado a decidir o ser no horizonte da atuação dos deuses, do sagrado, do destino, do tempo e da história como envio (WERLE, 2005, p. 46).

Em “Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger”, Marco Aurélio Werle, esclarece inicialmente que Heidegger refere-se a poesia de Hölderlin sempre com o termo alemão “*Dichtung*”, que seria a essência da arte: poesia. Vemos em Heidegger, segundo Werle, Hölderlin como o poeta magistral, aquele que não somente fez a poesia, nem tampouco apenas teorizou a seu respeito, mas sobretudo poetizou a poesia. E qual seria a grande importância de Hölderlin para ter despertado o interesse de Heidegger? Para responder esse questionamento, Werle aponta para a necessidade de compreender o percurso de Heidegger que, já no parágrafo 34 de *Ser e tempo* de 1927, “a comunicação das possibilidades existenciais da disposição, isto é, a abertura da existência, pode ser objeto próprio do discurso “poetizante” (WERLE, 2005, p. 29). “O discurso, ao lado da disposição [*Befindlichkeit*] e da compreensão [*Verstehen*] caracterizam certamente uma

abertura [*Erschlossenheit*] originária do mundo” (WERLE, 2005, p. 30), e ainda, “a compreensão não ocorre a partir de uma teorização sobre o mundo. Interpretar seria elaborar uma forma. Nas palavras de Marco Aurélio ‘O ser-ai se abre para a linguagem pelo ato discursivo’” (WERLE, 2005, p. 31).

Nas palavras de Eagleton, em *Teoria da Literatura: uma introdução* (1997, p. 77), é salientado que “[...] a filosofia havia se preocupado demais com conceitos e muito pouco com dados reais”. Em “*Ser e tempo*”, Martin Heidegger ainda trabalhava com um conceito de poesia provindo da teoria literária. A partir da década de 30, ocorre a significativa virada Heideggeriana, denominada *Kehre*, que é o elemento que da forma central e articula este trabalho entre escola, livros didáticos e filosofia ontológica. Martin Heidegger, segundo Werle, com a mudança (*Kehre*) na sua visão de poesia, o *Dasein*, o ser-ai como um ser “totalmente abrigado na casa do ser”, significando para Heidegger a casa do ser, a linguagem.

Assim, ao analisar a poesia de Hölderlin, Heidegger encontrou nela uma linguagem com um sentido muito mais amplo, “ou seja, agora a linguagem deixa de ser apenas mais uma das atividades ou capacidades humanas, de sorte que se coloca à frente da determinação do destino e da história do ser humano enquanto tal.” (WERLE, 2005, p. 49).

Em outras palavras, a linguagem passa a ser o centro da vida humana, pois sendo abertura para o ser, abre para nós humanos um mundo, que segundo Heidegger significa o nosso habitar na terra. Assim, como habitantes da terra, os homens fazem muitas coisas.

Produzindo e desperdiçando bens materiais, agindo e transformando tecnicamente o mundo [...] Em tudo o que o homem opera sobre a terra sempre está o presente o fundamento poético criativo e produtor de seu ser, mesmo que isso não lhe fique claro e ele inclusive se desvie do seu percurso original. (WERLE, 2005, p. 60).

Hölderlin, em sua poesia, traz a noção de homem como um habitante mal adaptado na sua casa. Desta forma, Werle citando Heidegger esclarece a função da poesia: “Cabe, assim à poesia, um redimensionamento do ser humano [...], na medida

que o ser humano se define como “o pastor do ser” e se localiza na linguagem, “a casa do ser”. (HEIDEGGER, 1978 *apud* WERLE, 2005, p.73).

Beaini (*apud* Gondim) explica como o homem consegue se relacionar com o ser:

A primeira relação para com a linguagem (que é a de ouvir antes de falar, o dizer silencioso do ser – condição de possibilidade para o falar humano) é obtida pelo pensador e pelo poeta, que, assumindo-se, captam a dimensão de seu existir-no-mundo. Esta, inacessível aos homens que não estão prontos a ouvir o apelo do ser [...]. A missão do homem no mundo é a de, ouvindo o apelo do ser, torna-la palavra, no ato mesmo de fazer nascer o mundo e as coisas (1981, p. 80).

Constança Marcondes César, ao fazer um estudo de Heidegger, nos textos de 1935 a 1961, nos quais o filósofo questiona sobre o homem, o mundo e o que significa habitarmos a terra a partir do verso do poeta Hölderlin “(...) é poeticamente que o homem habita a terra”. Analisando tal verso, Heidegger define o homem como o habitante da terra e nomeador das coisas por meio da linguagem, com o qual estabelece, funda um mundo. Fundação, no sentido de invocação, instauração de um existir. Essa invocação, instauração, fundação, constituição de um mundo, no qual o homem como habitante pensa, podendo ser um construtor, porém nem sempre constrói habitações nas quais sintam-se pertencente, um morador em sintonia com sua morada. Para Heidegger habitar significa ser um ser-no-mundo, entre o céu e a terra. Habitar poeticamente a terra, ou habitar como poeta significa ter um sentido para o ser neste estar aqui. Nas palavras de Constança Marcondes César, a obra artística, a poesia instaura, funda, abre para o ser a sua verdade, criando na terra um mundo pela evocação da beleza.

O mundo é a abertura que se abre dos vastos caminhos das decisões simples e decisivas no destino de um povo histórico[...] O mundo aspira, no seu repousar sobre a terra, a sobrepujá-la. Como aquilo que se abre, ele nada tolera de fechado. A terra, porém, como aquela que dá guarida, tende a relacionar-se e a conter em si o mundo (HEIDEGGER, 2010, p. 39).

Então, a poesia tem um papel de oportunizar o recomeço. Segundo Werle, “poetizar” – em latim *dictare*, significa assentar, ditar para que algo seja assentado. Dizer algo que antes não havia sido dito. Por isso, há no dizer poético um autêntico

começo.” (Werle, 2005, p. 84). Enfim, “a poesia autêntica sempre significa uma instauração que rompe com a mera continuidade” (Werle, 2005, p. 84).

Em outras palavras, como habitantes da terra, nós a habitamos poeticamente, e aí, somos por meio da linguagem poética. A linguagem como abertura para o ser.

O livro didático de Língua Portuguesa: metodologia de ensino de poesias, realidade e possibilidades

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, em 1998, objetivando melhorar a qualidade da educação no Brasil. Segundo o documento (2000), que preconizou ser prioritário que o aluno saiba interpretar textos de gêneros variados, sendo o texto o objetivo de ensino da Língua Portuguesa. Nos anos 90, do século XX, o MEC com o PNLD passou a analisar a qualidade dos livros didáticos de língua portuguesa. No livro de Cereja e Magalhães, livro que está sendo utilizado em toda rede pública de Educação Básica no triênio 2016-2018, escolhido pelos especialistas do Ministério da Educação, qual seria a proposta de ensino de poemas? Como se daria a prática de análise linguística de poemas?

De acordo com Britto (2002),

A análise linguística não deve ser entendida como a gramática aplicada ao texto, como supõem os autores de livros didáticos, mas sim como um deslocamento mesmo da reflexão gramatical, e isto por duas razões: em primeiro lugar, porque se trata de buscar ou perceber recursos expressivos e processos de argumentação que se constituem na dinâmica da atividade linguística; em segundo lugar, porque “as gramáticas existentes, enquanto resultado de uma certa reflexão sobre a linguagem são insuficientes para dar conta das muitas reflexões que podemos fazer”; finalmente, porque o objetivo fundamental da análise linguística é a construção de conhecimento e não o reconhecimento de estruturas (o reconhecimento só é legítimo na medida em que participa de um processo de construção do conhecimento).

A construção de conhecimento é então o principal objetivo da prática de análise linguística e a mesma necessidade acontece em atividades de leitura e escuta de textos.

Nos livros analisados percebemos uma característica comumente encontrada nos livros didáticos de Língua Portuguesa que é o estudo por meio do uso de textos.

Segundo os PCN, os gêneros do discurso trabalhados em sala de aula devem ser analisados de quatro maneiras:

- * reconhecimento do universo discursivo dentro do qual cada texto e gêneros de texto se inserem, considerando as intenções do enunciador, os interlocutores, os procedimentos narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos e conversacionais que privilegiam, e a intertextualidade (explícita ou não);
- * levantamento das restrições que diferentes suportes e espaços de circulação impõem à estruturação de textos;
- * análise das sequências discursivas predominantes (narrativa, descritiva, expositiva, argumentativa e conversacional) e dos recursos expressivos recorrentes no interior de cada gênero;
- * reconhecimento das marcas linguísticas específicas (seleção de processos anafóricos, marcadores temporais, operadores lógicos e argumentativos, esquema dos tempos verbais, dêiticos etc.) (BRASIL, 2000, p. 60, *apud* SCHLICKMANN, 2014, p.31).

Criado em 1985 e alterado em 1996, o PNLD (Programa Nacional do Livro didático) tem como mais importantes finalidades a avaliação, arquivo e a distribuição dos livros didáticos nas escolas públicas brasileiras. Dessa forma, pressupomos que os livros didáticos selecionados pelo PNLD privilegiam tais práticas analíticas da língua. Porém, como dito por Schlickmann (2014, p. 36), “Percebe-se, assim, que não há um trabalho consistente de análise da linguagem nas práticas de leitura/escuta”. Para que uma efetiva análise linguística se dê, tanto a nível operacional quanto reflexivo, faz-se necessário o trabalho com leitura/escuta e produção de textos. Nesse sentido, objetiva-se trabalhar com poemas nas aulas de Língua Portuguesa de uma forma que oportunize a compreensão dos mesmos.

Analisando os poemas, tais como são abordadas nos livros didáticos do Ensino Médio, mais especificamente na Coleção Português Linguagens, de Cereja e Magalhães, avaliado positivamente pelo MEC e pelo PNLD para ser utilizado no triênio 2015/16/17 e que por tal motivo, ela foi escolhida como objeto de análise do presente estudo, no qual foi verificada a presença significativa de poemas apresentados para estudo.

A partir da análise da metodologia de ensino dos poemas da coleção supracitada verificamos no LD destinado ao primeiro ano, encontramos quinze ocorrências de estudos de poemas, com predominância do estudo de aspectos relativos à métrica, ritmo e rima. Exemplificando, na página 52, no Capítulo 4, é apresentado o poema *Minha Desgraça* de Álvares de Azevedo como recurso para trabalhar o gênero poema. Segue, então, o poema:

Minha desgraça não é ser poeta, / Nem na terra de amor não ter um eco... / E, meu anjo de / Deus, o meu planeta / Tratar-me como trata-se um boneco... / Não é andar de cotovelos rotos, / Ter duro como pedra o travesseiro... / Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido / cujo sol (quem mo dera) é o dinheiro... / Minha desgraça, ó cândida donzela, / O que faz que meu peito assim blasfema, / É ter por escrever todo um poema / E não ter um vintém para uma vela. (AZEVEDO, 1997, *apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 52)

Ao leitor, o LD propõe a leitura em voz alta para percepção dos sons e ritmos existentes. Nas atividades propostas, como, por exemplo, a de número 03, questiona: “Há, no poema três **estrofes** – grupos de versos separados por uma linha em branco. Cada estrofe apresenta um grupo de versos, as linhas poéticas. Quantos versos há em cada estrofe?” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p.53).

A seguir, a de número 04: “O poema caracteriza-se por apresentar uma forte **sonoridade**, construída por meio de repetições, ritmo, rima. Destaque do poema um trecho em que há a *repetição* de uma palavra” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p.53). E também como exemplo a de número 06:

Ao ler o poema, você provavelmente fez uma pequena pausa no final de cada linha ou verso. Essa pausa se acentua em razão da rima – semelhança sonora – que há no final dos versos, como, por exemplo, entre as palavras *eco* e *boneco* da primeira estrofe. Que outros pares de palavras rimam entre si no poema? (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 53).

No livro do segundo ano aparecem 21 ocorrências de estudos de poemas. No segundo LD da Coleção Português Linguagens, podemos exemplificar no poema “Ocorrência”, de Ferreira Gullar (2004):

Aí o homem sério entrou e disse: bom dia. / Aí outro homem sério respondeu: bom dia. / Aí a mulher séria respondeu: bom dia. / Aí a menininha no chão respondeu: bom dia. / Aí todos riram de uma vez / Menos as duas cadeiras, a mesa, o jarro, as flores / as paredes, o relógio, a lâmpada, o retrato, os livros / o mata-borrão, os sapatos, as gravatas, as camisas, os lenços. (*Apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 31)

Na primeira questão do livro, o texto foi usado como pretexto para ensino gramatical da flexão do substantivo, ou seja, do aumentativo e diminutivo do substantivo. No quarto verso é empregado o substantivo *menininha*. A questão 3 apresenta: “a) Qual sentido o acréscimo do sufixo *-inha* confere ao substantivo *menina*?” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p.31). Algo similar, percebe-se no estudo do poema “Chão”, de Murray (2011). O poema é transcrito aqui completamente: “Meu universo é um chão / de terra, / aí fermentam as palavras, / os símbolos, os sons / com que me unto / todos os dias para atravessar / a ponte entre a poesia e as horas” (*apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p.185).

E, pede-se ao leitor, na questão 02: “Identifique as preposições empregadas no poema e o valor semântico de cada uma delas no contexto.” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p.185). Neste exemplo, percebe-se o texto como pretexto para o estudo das preposições. Ainda, no LD, encontramos um poema de Alberto de Oliveira, intitulado “Vaso chinês”:

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, / Casualmente, uma vez, de um perfumado / Contador sobre o mármore lúcido, / Entre um leque e o começo de um bordado. / Fino artista chinês, enamorado, / Nele pusera o coração doentio / Em rubras flores de um sutil lavrado, / Na tinta ardente, de um calor sombrio. / Mas, talvez por contraste à desventura, / Quem o sabe?... de um velho mandarim / Também lá estava a singular figura. / Que arte em pintá-la! A gente acaso vendoa, / Sentia um não sei quê com aquele chim / De olhos cortados à feição de amêndoa. (OLIVEIRA, 1959, *apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 234).

A respeito do qual é proposta a questão número 04:

Observe a estrutura formal do poema “Vaso chinês”.

- a) Que tipo de verso foi empregado?
- b) Observe o número de estrofes e o número de versos de cada estrofe. Que tipo de composição poética foi utilizado? (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 235)

Neste exemplo, o poema que discorre sobre um vaso chinês e, no exercício, reporta-se à estrutura, à forma do poema é o que se pede ao leitor para compreender. Além-se ao formato do poema no tocante à quantidade de estrofes e versos e a nomenclatura dos versos, ao fazer os questionamentos acima exemplificados.

E, no livro didático do terceiro ano foram encontradas trinta ocorrências de estudos relativos a poemas. Na página 62 deste livro, encontramos o poema “Poema da necessidade”, de Carlos Drummond de Andrade:

É preciso casar João, / é preciso suportar António, / é preciso odiar Melquíades, / é preciso substituir nós todos. / É preciso salvar o país, / é preciso crer em Deus, / é preciso pagar as dívidas, / é preciso comprar um rádio, / é preciso esquecer fulana. / É preciso estudar volapuke, / é preciso estar sempre bêbedo, / é preciso ler Baudelaire, / é preciso colher as flores / de que rezam velhos autores. / É preciso viver com os homens, / é preciso não assassiná-los, / é preciso ter mãos pálidas / e anunciar o FIM DO MUNDO. (ANDRADE, s/a, *apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 62)

E na primeira questão argui-se que:

O poema é construído a partir de uma estrutura paralelística, caracteriza-se por repetição de palavras e de estruturas sintáticas. Tomando o 1º verso – “É preciso casar João” – como exemplo dos outros, responda:

- a) Qual é a oração principal desse período?
- b) Como se classifica a oração casar João? (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 62)

Como podemos ver, neste exemplo, o poema é utilizado para o estudo das Orações Substantivas. Além disso explica sobre a estrutura do poema no tocante à presença de paralelismos presentes na repetição de palavras. Também, no estudo do poema “O húmus do homem novo”, do autor moçambicano Juvenal Bucuane, presente na página 240 do livro destinado ao terceiro ano do ensino médio:

Não quero que vejas / nem sintas / a dor que me amargura; / Não quero que vejas / nem vertas / as lágrimas do meu pranto. / Deixa que eu chore / as mágoas e as decepções; / deixa que eu deambule; / deixa que eu pise / a calidez do chão desta terra / e o regue até com o meu suor; / deixa que me toste / sob este sol inóspito / que me dardeja o lombo sempre arqueado... / Este penar / é o resgate da esperança / que em ti alço! / Este penar / é a certeza do amanhã que vislumbro / na tua ainda incipiente idade! / Não quero que vejas / nem sintas / o meu tormento / ele é o húmus do Homem Novo. (BUCUANE, s/p, *apud* CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 240)

Sobre esse poema é proposta a questão número 02:

Nos versos “sob este sol *inóspito* / que me dardeja o lombo sempre *arqueado*”, os adjetivos *inóspito* e *arqueado* referem-se, respectivamente, a *sol* e *lombo*.

a) A que classe de palavras pertencem os vocabulários *sol* e *lombo*?

Explique por que os adjetivos *inóspito* e *arqueado* estão no masculino singular. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 241)

Como visto acima, o poema, mais uma vez foi utilizado como pretexto para o estudo gramatical. Neste caso, para o estudo da concordância verbal.

Segundo Marcuschi (1996), nos manuais de ensino de língua portuguesa, diga-se, livros didáticos, comumente encontramos uma seção de exercícios, na qual o objetivo deveria ser o exercício da compreensão e análise crítica a respeito dos textos trabalhados. Neste sentido, a intenção dos manuais é digna de elogios e útil.

É inegável que os alunos precisam experimentar essa espécie de treinamento de compreensão, pois, como humanos, não herdamos essa característica geneticamente, segundo Marcuschi (1996). Importante faz-se compreender os textos, no entanto

questionamos se as atividades propostas aqui nesta Coleção Português Linguagens que realmente trabalham a compreensão dos poemas, no seu sentido mais abrangente?

Ainda, a partir de Marcuschi (1996), ao falar do processo de compreensão de textos, aborda não se tratar definida de uma tarefa precisa nem, contudo, a compreensão” é uma atividade de seleção, reordenação e reconstrução em que uma certa margem de criatividade é permitida” (MARCUSCHI, 1996, p. 72). O que não significa que exista uma total liberdade de interpretação. Fato é que inúmeras leituras são possíveis, porém não infinitas leituras.

Os textos podem ser analisados de uma forma objetiva e a partir das inferências ou deduções que são feitas a partir do texto, o qual, reiteramos poder ser lido de diversas maneiras.

Assim, depreende-se, embasados nos estudos de Marcuschi (1996), conclui-se que, a despeito das excelentes qualidades encontradas na Coleção Português Linguagens, considerando o fato de trabalhar com gêneros textuais diversificados e representativos da nossa literatura, em tal Coleção percebeu-se o gênero poema ainda trabalhado de uma forma veiculada à análise de fragmentos do poema para entendimento do mesmo enquanto gênero ou como texto base para estudos gramaticais.

E, no livro *Língua e Ensino-Práticas de Linguagem possíveis e reais*, Schlickmann (2014, p.16) afirma como:

Compromisso da escola é propor atividades que ajudem a ampliar o domínio ativo do discurso, por parte do aluno, nas mais diversas situações de interação permitindo a sua inserção no mundo da escrita, e principalmente ampliando as possibilidades de participação social no exercício da cidadania. Para que isso aconteça é necessário reorganizar (ou mudar) o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Em outras palavras, Schlickmann aponta para uma nova possibilidade do ensino da língua, no qual, a escola oportunize aos estudantes a possibilidade de questionamento sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca, num pleno exercício de pensamento crítico. Em tal perspectiva o ensino da língua encampa um território muito maior de atuação, indo em direção a uma metodologia de ensino de poesias, por exemplo, por

tratar-se do objeto do estudo aqui apresentado onde se privilegie a dimensão poética como abertura para o ser e o pensar.

Ao relacionarmos LD, ensino de língua portuguesa e o processo de compreender e interpretar textos poéticos, em artigo publicado em 2008, “Heidegger e a arte de questionar”, Marco Aurélio Werle esclarece que embora, Martin Heidegger não tenha escrito nenhum estudo especificamente sobre educação, podemos relacioná-lo à educação num sentido bem mais amplo, ou seja, *Bildung* (formação). E o que seria essa formação?

A *Bildung* se refere a uma educação total, interior e exterior, inclusive sensível do ser humano, que leva em conta todas as suas possibilidades e potencialidades, ao contrário da *formatio*, que se volta mais para o desdobramento de faculdades ou de talentos e se orienta por preceitos oriundos do exterior. (WERLE, 2008, p. 18)

Todas as considerações supracitadas apontam para um redimensionamento da visão de educação, no qual há um constante questionamento a respeito do mundo que nos cerca, inclusive do mundo escolar, com seus métodos de ensino e tipos de materiais utilizados. Heidegger, um questionador mor das situações da vida, sempre procura por caminhos, questiona caminhos e nos incita a fazer o mesmo, enquanto educadores.

Enfim, ao analisarmos a linguagem poética, segundo Heidegger, como abertura para o ser e o pensar e ao compará-la à metodologia de ensino de poemas proposta no livro didático, ainda muito focada no ensino gramatical, percebemos o caminho a ser construído no sentido de um ensino que abra para o pensar os poemas como uma porta de abertura para pensar o ser em sua totalidade, na realidade concreta vivida por ele. A partir desta análise depreende-se que cabe ao professor de português trabalhar com a linguagem poética como abertura para o ser e o pensar, o que trata-se de um caminho a ser construído, desde que, na Coleção Português Linguagens o que de fato têm se apresentado como uma metodologia de ensino de poemas, tem se embasado no estudo da métrica e da metalinguagem, totalmente contrária à abordagem Heideggeriana de linguagem poética. Portanto, se tem uma leitura da Coleção muito limitado ao que propomos quando adentramos ao pensamento Heideggeriano.

Considerações finais

É inegável a abundante presença de estudos de textos poéticos nos livros didáticos da coleção Português Linguagens de Cereja e Magalhães, destinados ao Ensino Médio. De uma forma geral, servem como apoio para estudos estruturais dos poemas e como exemplificação de assuntos teóricos, tais como figuras de linguagem, rima, métrica, sonoridade, dentre outros. Por tratar-se de um gênero literário, o poema, tem sido objeto de estudos literários. Por ser arte, tem sido estudado pela filosofia. Na teoria literária, tradicionalmente tem sido estudado uma maneira mais convencional, ligada mais ao formato do poema.

Foi verificado na coleção Português Linguagens, vários exemplos da utilização de textos poéticos meramente para estudo gramatical em geral, como por exemplo, o que seriam os substantivos. Um outro estudo muito comum encontrado na coleção foi sobre os aspectos formais ligados a poesia como versificação, métrica e rima.

Com isso, percebe-se, no todo uma abordagem que busca a compreensão dos aspectos mais formais do poema ou dos conteúdos gramaticais. Vai-se um pouco além nesta forma de estudos, quando se incita o estudante a uma criticidade por meio do estudo das paródias. Entretanto, ainda muito aquém do que conceitua como “a *Bildung*”, uma educação formativa e crítica, sempre questionadora.

Heidegger pode contribuir para o estabelecimento de novas bases para o estudo da poesia, como abertura para o ser e o pensar, o que efetivamente não tem ocorrido no livro didático estudado aqui. A poesia enquanto experiência artística e experiência pensante, exatamente assim artística e pensante, com o conectivo “e” fazendo essa interligação. Exatamente assim é que a poesia funda o ser, abre para o ser transformar esta terra em mundo, onde habitemos poeticamente e não sejamos meros moradores de um alojamento.

Como seres no mundo, podemos construir aqui um habitar poético que abra para nós a pertença. Como professores de língua portuguesa, tendo como um dos instrumentos de trabalho o LD, o qual deve ser guiado por nós, numa atitude de constante abrir o texto nas suas inúmeras, porém não ilimitadas formas de ser compreendido e questionado. Tudo para que “habitemos poeticamente a terra...” e

instauremos mundo, ou seja, que construamos uma vida com sentido, sempre questionando.

Referências:

BACK, Angela; CARVALHO, Richarles de Souza; SCHILICKMANN, Carlos Arcângelo (Organizadores). **Língua e ensino: práticas de linguagem possíveis e reais**. Criciúma – SC. UNESC, 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas, SP:Mercado das Letras, 2002.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza. **Português: linguagens**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013 (464 p.). Livro 01.

_____. **Português: linguagens**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013 (400 p.). Livro 02.

_____. **Português: linguagens**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013 (400 p.). Livro 03.

CÉSAR, Constança Marcondes. **Habitar poeticamente a terra**. v. 09, n. 03. Aracaju: Pidcc, out/2015. p. 254

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

GONDIM, Elnor; RODRIGUES, Osvaldino Marra. **Pensar o ser na poesia: Heidegger leitor de Hölderlin**. Revista UEPG. v. 10, n. 1, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Editora Vozes, 2014.

_____. **A caminho da linguagem**. Editora universitária São Francisco. Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. **A origem da obra de arte**. Edições 70, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio Marcuschi. **Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino da língua?** n.69, Brasília, jan./mar. 1996.

OCCURSUS
REVISTA DE FILOSOFIA

SANTOS, Eder Soares; MARTINS, Mizael. **Linguagem:** início de Kehre no pensamento de Heidegger ainda em Ser e Tempo.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger.** São Paulo. EDUNESP, 2005.

_____. Heidegger e a arte de questionar. **Aprender: caderno de filosofia e psicologia da educação.** Vitória da Conquista, ano VI n.10.